

McLuhan, Burawoy, McLuhan: A Extensão das Comunicações Antrópicas

Sobre a Equação Humana, o Método do Caso Estendido e a Extensão Humana

Dr. Gregory Sandstrom

Resumo

Uma das principais contribuições de Marshall McLuhan aos campos da cultura, tecnologia e comunicação foi a ideia de “extensões do homem”, subtítulo de sua obra-prima *Understanding media* (1964). Aqui a ideia de “extensão humana” é explorada para aplicá-la às ciências humanas, juntamente com a noção de “método do caso estendido” promovida por Michael Burawoy, atual Presidente da Associação Internacional de Sociologia (*International Sociological Association*), com suas origens na Escola de Antropologia Social de Manchester. O conceito de “extensão humana” é apresentado como abordagem alternativa à “evolução” de artefatos e é ligado ao trabalho em comunicação de Marshall e seu filho Eric, chegando até a ideia recente de uma “equação humana” geral.

Palavras-chave

Marshall McLuhan, Michael Burawoy, Eric McLuhan, Extensão Humana, Método do Caso Estendido, Equação Humana, Escola de Comunicação de Toronto, Ciência Antrópico-Social, Ciência Natural-Física, Steve Fuller, Difusão da Inovação, Teoria da Extensão, Desumanização e Re-humanização, Abordagem Tetrádica, Éden às Avessas

1 Introdução

A extensão do nosso conhecimento e o alcance dos nossos interesses fixam um horizonte. Estamos confinados nesse horizonte.

B. Lonergan, 1968

Marshall McLuhan investigou os “efeitos” da mídia impressa, da tecnologia eletrônica e de várias formas de mídia antigas e novas e seus impactos sobre a humanidade. Na Universidade de Toronto, junto com Eric Havelock, Edmund Carpenter, Walter Ong e logo com Harold Innis, entre outros, dos anos 1950 aos anos 1970, McLuhan e sua “escola de comunicação” da Universidade de Toronto produziram insights profundos, mesmo se nem sempre mainstream ou rapidamente compreensíveis sobre a (história da) linguagem como tecnologia e seus efeitos sobre a ciência, a educação e a cultura. McLuhan acreditava que a verdadeira mensagem das mídias feitas pelo homem é encontrada quando percebemos que se trata de “externalizações” ou “expressões” de nós mesmos, que, seguindo R.W. Emerson, ele chamou de “extensões”. Ao

Dr. Gregory Sandstrom | gregorisandstrom@yahoo.com

Instituto de Comunicação Social, Universidade de Ciências da Educação da Lituânia (*Lithuania University of Educational Sciences*).

conhecer as extensões, também aprendemos sobre nós mesmos e nossas sociedades.

Em 1988, Eric, filho de Marshall, reuniu e publicou diversos artigos e anotações do trabalho pioneiro do pai, combinando seu próprio pensamento com debates particulares que tinham tido sobre linguagem, mídia, ciência e comunicação. O resultado foi apresentado sob forma de abordagem sistemática de estudos de mídias, cultura, tecnologia e linguística. Como livro cujo ponto de partida é um método, os McLuhan deixaram aberta a possibilidade de continuar seu trabalho sobre “quatro efeitos”, ou as chamadas “leis da mídia” se o trabalho fosse aceito e encontrasse eco no século XXI entre pessoas das comunidades científica, de ciências humanas e artística. O presente artigo é uma tentativa de identificar essa possibilidade e apresenta as leis da mídia como alicerce cognitivo para o discurso contemporâneo da ciência, da filosofia e da religião, o que pode ser evidenciado especialmente no uso do termo “extensão” por McLuhan.

De início, esta descrição pode suscitar preocupações no leitor. Por exemplo, será que tópicos como mídias e comunicação podem ser considerados “científicos”, ou sequer ser sugeridos como base para uma “nova ciência”, como indica o subtítulo de *Leis da mídia*? Será que um professor de inglês e seu filho podem

ter a esperança de resolver enigmas já antigos das ciências (naturais) por meio de aplicações transdisciplinares de teoria literária e “estudos da mídia”, com a ajuda de aforismos e clichês argutos temperados à luz da teologia católica? Por que a “religião” necessariamente está presente ao discutir-se o corpo do trabalho de McLuhan sobre comunicação?

Responder a estas preocupações legítimas será um novo teste para o maravilhoso método dos McLuhan e pode, afinal, ajudar a aquilatar o futuro do legado de McLuhan na “aldeia global” wireless ou não. Servirá para ressaltar o sucesso e o impacto duradouros de um acadêmico-profeta canadense¹ da era da informação eletrônica (Era da IE).

Embora o livro *Leis da mídia* (LdaM) tenha sido recebido de forma relativamente discreta pelo mainstream acadêmico, “a Nova Ciência” assumiu o papel de subtítulo em típica provocação de McLuhan. Mas que tipo de “nova ciência” os McLuhan, juntos, propõem, preparam e imaginam? Não estariam sendo mais do que um pouquinho presunçosos ao sugerir que haviam construído uma “ciência” como não-cientistas, e não só isto, como professores de inglês?

Em combinação com a noção de M. McLuhan de “sobrecarga de informação” e de “extensões do

¹ “Acho que ‘profeta’ designa aquele que faz afirmações que não são plenamente compreendidas enquanto não chega o momento certo.” – M. McLuhan

humano(humanidade)”, o texto abaixo leva adiante a tendência da ciência reflexiva, antrópico- ou humano-social (CAS) como meio de recuperar antigas maneiras de entender a existência humana na explosiva/implosiva Era da IE. Este trabalho é dedicado às teorias das comunicações globais-pessoais e à posição especial do ser humano em um universo M-dimensional, (potencial ou provavelmente) divino, visto de dentro da tradição Adâmica/antrópica (ver mais sobre este ponto abaixo). Afinal de contas, o próprio M. McLuhan era católico, aceitava o relato da criação de Adão e Eva em um Jardim.

Este artigo começa visualmente, usando imagens para expor a “nova ciência” da “proporcionalidade” dos McLuhan sob forma de “relações entre relações.” A seguir, examina o “método do caso estendido”, do britânico-americano Michael Burawoy, sua importância para a sociologia e, de forma breve, seus antecedentes na antropologia social britânica. A seguir, volta-se para uma nova abordagem sociológica chamada “extensão humana”, que o autor está desenvolvendo tirando partido do trabalho de M. e de E. McLuhan como fontes de inspiração, provocação e comparação. Será que a “extensão humana” é uma metodologia sociológica adequada para uso juntamente com os ensinamentos de E. McLuhan a respeito da Equação Humana na busca de avanços nas ciências da comunicação na Era da IE?

A nova ciência dos McLuhan não se reduz nem se resume a uma religião dogmática, não se fragmenta nem se torna mera ideologia psicolinguística, nem tampouco se eleva, de maneira desproporcional, a um “cientificismo”. Da mesma forma, o uso excessivo da “extensão” é negado pelos princípios do pensamento antrópico-social definidos abaixo e em outros textos (SANDSTROM, 2011, 2010, 2008, 2005). O leitor não deve pensar que a extensão humana salva vidas, derrota os inimigos ou supera a ciência biológica Darwiniana. Este paper não trata de ideias nem teorias biológicas, mas questiona a ideologia de mudança dominante nas CHSs: evolucionismo, apresentando a “extensão” como caminho alternativo para avançar. O presente texto sonda, provoca e, no final, fornece um método sociológico geral e uma equação que tanto pode ser aplicada às CHSs quanto à vida e às percepções humanas cotidianas.

Seguindo M. McLuhan, este trabalho adota uma abordagem em “mosaico”, o que significa simplesmente que não segue um argumento linear. O trabalho conversa com as quatro partes da tétrede simultaneamente, assim fazendo ressoar ideias entre as relações, que tratam cada ser humano como função ou característica do “fato de ser humano”. Não é concebível que pessoa humana alguma possa escapar da imagem aqui apresentada. Contudo, muitas perguntas permanecem sem resposta. Diversas imagens são usadas para este fim, inclusive as Tétrades dos McLuhan e os modelos de quatro quadrantes de M. Burawoy.

2 Tabelas e Tétrades – Introdução à Equação Humana

Tornaram-se o que fitaram.

W. Blake, 1804

Para M. McLuhan, o termo “mídias” veio a ser usado de modo bastante amplo, incluindo tecnologias, artefatos e até palavras e teorias descobertas pelo ser humano que podem ser analisadas sob a forma tetrádica singular de quatro efeitos apresentada (post hum) em *Leis da mídia (LdaM)*. Em *LdaM*, o trabalho anterior de M. McLuhan é reunido em uma grandiosa sistemática que leva toda linguagem, cultura aural e visual, tecnologia, relativização teórica e posicionamento a uma inspiradora mescla de gênio católico e fascínio místico-científico. O meio é a mensagem e o método é o que importa em *LdaM*. Será que o método McLuhan tem importância suficiente para ser chamado de “nova ciência”, baseada em gramática, ou é apenas uma revisão da ciência tradicional que lida com jogos filosóficos de demarcação? Talvez “nova ciência social” possa ser uma qualificação capaz de permitir o avanço do trabalho a partir dos “quatro efeitos”.

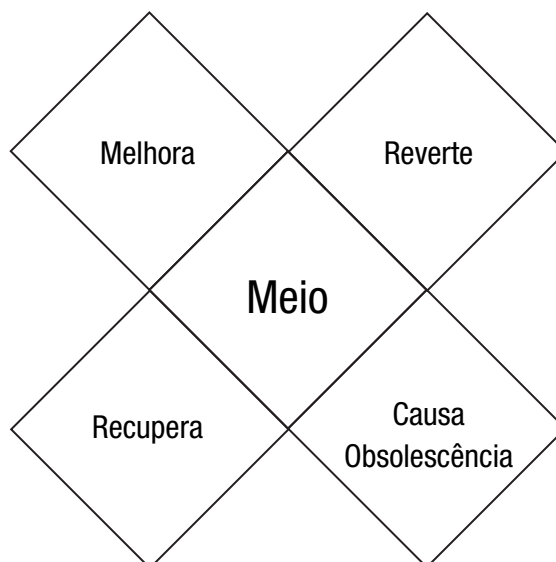
Os quatro efeitos, que estão em relação de complementaridade com as quatro causas de Aristóteles, propiciam uma abordagem avaliativa interna de qualquer tópico teórico ao qual o participante (leitor) quiser aplicá-los. Se pensarmos na linguagem de quatro causas, poderemos imaginar na linguagem de quatro efeitos. Portanto, a tétrede mídia e suas implicações para a ciência, a filosofia e, de maneira geral, para a vida humana, visam a chocar-nos (sensivelmente, até o cerne) e a abrir novas portas para mais descobertas; seguem a pista histórica da *Scienza Nuova* de G. Vico e do *Novum Organum* de F. Bacon.

Em suas palavras da juventude,² no intuito de entender as “leis” universais da vida humana, o que se precisa é de formação em filosofia e psicologia. Isto exige conhecimento não só de ciências naturais, mas também de literatura e história, pensamento e ação humanos. De fato, a visão de M. McLuhan do cosmos pode ser chamada, de forma muito apropriada, de abordagem integral (cf. P.A. Sorokin, 1948), brilhantemente exposta nos quatro efeitos.

Michael Burawoy, Professor de Sociologia na Universidade de Berkeley, Califórnia, usa repetidamente o número quatro em explicações e

² Podemos observar, nas cartas pessoais de M. McLuhan aos dezenove anos, quando entrou para a Universidade de Manitoba (Canadá): “Quando eu tiver estudado mais um pouquinho de filosofia e psicologia... vou trabalhar algumas das grandes “leis” [não examinadas e universais] que regem as questões, temporais e espirituais, humanas...O que devo fazer será pegar esse campo das “leis” e mostrar que, nas esferas de ciência, literatura, história, pensamento, ação, humana e sobre-humana, tudo é uma massa de verdade atemporal e ordem coerente. Tomarei alguns exemplos concretos e os trabalharei detalhadamente... Sinto que, se posso dar uma contribuição aqui, esta será estimular mentes mais capazes do que a minha de elaborar a teoria. [Essa teoria das leis] tem a vantagem da simplicidade, e estou convencido de que está cada vez mais próxima da verdade.”

Tétrade 1 Leis da Mídia – Quatro Efeitos (1988)



diagramas. Até cita os esquemas em quatro partes usados por outros como, por exemplo, os 4 “Rs” do “campo analítico” de Jack Katz - Reatividade, Confiabilidade (*Reliability*), Replicabilidade e Representatividade – como exemplo de uma abordagem de “ciência positiva”, à qual ele não aspira em sua sociologia etnográfica.

Aqui são apresentados dois modelos, vistos como Quadrantes, nos quais Burawoy (2009, p. 64) fala de quocientes e relações de conhecimento.

Aqui não há espaço para abordar a teoria Ancorada; basta dizer que está relacionada com o materialismo (neo)marxista que Burawoy promove como sendo contra “ancoragem”. M. McLuhan uma vez respondeu assim a uma pergunta sobre por que ele às vezes é mal-entendido: “Meus textos muitas vezes confundem as pessoas porque começo com âncora e elas começam com figura.” (COUPLAND, 2010). Aqui se vê uma abertura para a discussão entre os McLuhan e Burawoy (2009, p. 43-44) relativa à

Tétrade³ 2 - Quatro Métodos da Ciência Social

<i>Técnicas de Pesquisa</i>	<i>Positiva</i>	<i>Reflexiva</i>
Entrevista	Pesquisa por sondagem	Pesquisa clínica
Observação participativa	Teoria ancorada	Método do caso estendido

3 Refiro-me a isto como “Tétrade”, embora o próprio Burawoy não use este termo. Seria preciso forma e estrutura diferentes, mas é baseado nas quatro grandes categorias que coloca umas em relação com as outras. Para manter a coerência de nomes, todas as “imagens” aqui são chamadas de Tétrades.

“dialética” da figura orientada para o humano, âncora e discurso da extensão.

Diálogo é o princípio unificador da ciência reflexiva, que é dialógica em cada uma de suas quatro dimensões. Pede a intervenção do observador na vida dos participantes; exige uma análise da interação dentro das situações sociais; revela processos locais em uma relação de determinação mútua com forças sociais externas; e encara a teoria como algo que emerge não só no diálogo entre participante e observador, mas também entre observadores, agora vistos como participantes de uma comunidade científica.

Para nós, ciência reflexiva é sinônimo de ciência antrópico-social (CAS). Ou seja, quando dizemos que estamos falando de CHSs, ou fazendo CHSs, supomos a reflexividade em nossas metodologias. Não é possível considerar que se está “fazendo ciência social” sem aceitar a influência da reflexividade sobre os próprios “atos” de participação científica, bem como sobre sua comunicação com outros cientistas e não-cientistas, embora as pessoas possam desejar definir “reflexividade” de muitas maneiras.

Esta é a nova “divisão do trabalho” que tomou de assalto o mundo das ciências sociais no século XXI. Segundo o modelo de Burawoy, meu argumento aqui está posicionado nos âmbitos crítico e público, aplicando “conhecimento reflexivo” e dirigindo-se aos Públicos tanto Acadêmico como Extra-Acadêmico. A exemplo de Burawoy, sou favorável ao comprometimento do público e da sociedade civil como característica básica e inescapável de ser-se um sociólogo “real”.⁴ A abordagem de Burawoy não é conducente apenas ao marxismo ou aos marxistas. Esta abordagem enfatiza as comunicações críticas e o diálogo público como características necessárias da educação e da formação sociológicas, da produção e do consumo de sociologia.

Assim também, a Equação Humana de E. McLuhan da ênfase considerável à educação e à comunicação no contexto do diálogo entre pessoas, para o avanço da humanidade como um todo. “A Equação Humana lida com a relação entre humanos e nossas mídias, tecnologias, linguagens, teorias, ideologias e ideias...”,

Tétrade 3 Divisão do Trabalho Sociológico (2005b: 11)

	Público Acadêmico	Público extra-acadêmico
Conhecimento Instrumental	Profissional	Política
Conhecimento Reflexivo	Crítico	Público

⁴ Agradeço a Dmitri V. Ivanov que sugeriu a expressão “sociologia real” em contraste com a usada por Burawoy, “sociologia pública”.

escreve E. McLuhan (2010, p. 5). O maior desafio é saber como medir ou comparar esses quocientes e relações observáveis e rastreáveis e construir um sistema operacional de articulação educacional para esta abordagem prático-teórica.

Como afirmou M. McLuhan (1964, p. 91), “O uso de qualquer tipo de meio ou extensão do homem altera os padrões de interdependência entre pessoas, pois altera o quociente entre nossos sentidos”. Aqui descobrimos uma imensa oportunidade ou autorresponsabilidade pela construção de estudos contemporâneos no âmbito da comunicação e do pensamento antrópico-social. Ao estudar as relações entre nossos sentidos por meio das “extensões do homem”, enfrentamos um portentoso desafio em termos de reconhecimento de padrão na Era da IE. Para vencer este desafio, podemos superar a sombra negativo-normativa do positivismo e explorar as mudanças nas relações de sentidos ocasionadas pelas “extensões do homem”.

E. McLuhan (2010, p. 3, *itálicos meus*) continua seu pensamento dizendo que “Nossa equação é, portanto, composta de *relações entre relações* — uma forma que costumava ser chamada de proporcionalidade adequada”. A misteriosa meta da “proporcionalidade adequada” nas interações humano-sociais permaneceu elusiva – a chamada Relação de Ouro das formas institucionais (KIRDINA, 2001); contudo, o que é mais importante neste tema é esclarecer que a “relação” pode, no

entanto, ser aplicada no contexto dos estudos da educação e da comunicação como um todo. Ao identificar padrões criados pelo homem, escapamos da abordagem desumanizadora do paradigma evolucionista e das dúvidas relativas à “singularidade” da humanidade em escala cósmica. Essa negatividade em relação à humanidade enraizou-se profundamente no cerne do “cientificismo” ocidental, que este trabalho visa a confrontar tangencialmente.

O que atrai minha atenção aqui é o foco de E. McLuhan (2010, p. 3) ao definir a humanidade como categoria especial.

Todos os componentes de nossa equação são humanos, de forma que a chamamos, e chamamos este estudo, de Equação Humana. Nossas quatro posturas ajustam-se à equação... O organismo humano também tem exatamente quatro maneiras de movimentar-se ou quatro modos de ação. Uma ou mais das posturas e modos de ação estão em uso em todos os momentos da sua vida.

Note que E. McLuhan até fala “reflexivamente” ao leitor (a ‘você’), o que serve para mostrar algumas diferenças em relação aos padrões acadêmicos da época de seu pai. Isto me leva, como sociólogo, a reconhecer que outros na Academia tratam “a humanidade dos seres humanos” com bastante cautela, sem necessariamente sucumbir a abordagens reducionistas biológicas ou físicas.

Com essas imagens e relações agora reunidas, podemos avançar e examinar as comunicações

humanas por meio da noção de “extensão”, “estender” e “extensividade”, juntamente com as noções de Burawoy de “ciência reflexiva” e “método do caso estendido”.

3 Michael Burawoy, o “Método do Caso Estendido” e a Sociologia Etnográfica

M. Burawoy é uma dessas personalidades enigmáticas que surgem uma vez a cada geração. É notável pensar no caminho que ele percorreu até chegar ao cume do mundo acadêmico-sociológico, quando, na verdade, Burawoy não se autodenomina sociólogo, mas etnógrafo. Ao falar sobre as viagens e descobertas de Burawoy, estamos tratando especificamente aqui de comunicação humana e da noção de “extensões humanas” ao examinar o método etnográfico de Burawoy.

Burawoy faz avançar o trabalho do “Método do Caso Estendido” (MCE) da Escola de Antropologia Social de Manchester (Reino Unido). O MCE foi utilizado na análise de uma série de “situações” no final da década de 1950 (MITCHELL, 1956) e início da de 1960 (GLUCKMAN, 1961, 1964), que abriram uma janela sobre a chamada micro- e macro- sociedade. Esta abordagem estudava uma determinada situação durante um período de tempo, por exemplo, uma década, longo prazo, no qual estratégias e escolhas individuais eram apresentadas no contexto da vida cotidiana. Um texto marcante do MCE é o *Extended Case Study*, de Max Gluckman, fundador da Escola de Manchester.

É digno de nota que o MCE também seja chamado de “abordagem analítica situacional” (por exemplo, Jaap van Velsen) e de “estudos de caso estendido”, que segue um método da antropologia social geral de “ir ao local” (H. Innis 1930s & 40s). Assim, as pesquisas seriam realizadas e se dariam contribuições ao conhecimento sendo ativo “no campo”. Isto confirma o que Evens e Handelman (2006, p. 95) dizem: “Seguir o próprio faro é central para o que veio a ser chamado de método do caso estendido.”

Burawoy (1998, p. 5) explica o MCE com suas próprias palavras: “O método do caso estendido aplica ciência reflexiva à etnografia no intuito de extrair o geral do singular, de passar do “micro” ao “macro”, de ligar o presente ao passado e antecipar o futuro, tudo isto com base em teoria preexistente.” Pode ser muito, mas é este tipo de equilíbrio holístico que torna o trabalho de Burawoy tão fascinante e, ao mesmo tempo, tão complexo de analisar-se.

Aqui estão quatro “princípios de extensão” de Burawoy, o alicerce do MCE:

- A) A extensão do participante-observador na comunidade que está sendo estudada;
- B) A extensão das observações no tempo e no espaço;
- C) A extensão dos micro-processos ao macro-estruturas e forças;
- D) A extensão da teoria, que é a meta última e a base do método do caso estendido.

Estes devem ocorrer simultaneamente, assim como as tétrades dos McLuhan. A característica central desta abordagem é a distinção entre afirmações gerais e teorias universais. As teorias podem ser “estendidas” de pessoa para pessoa, mas não são definidas apenas por comunicações individuais quando estas se elevam ao nível de situações “sociais”⁵. Gluckman e a abordagem da Escola de Manchester apresentaram um novo estilo de “análise situacional social” na qual Gluckman (1961, p. 14) falou do “caso estendido em larga [histórica] escala.”

Algumas pessoas consideraram o uso que Burawoy faz do MCE como um tipo de teoria de alcance médio (Mertoniana), demonstrável em seu esforço populista pela “sociologia pública”. Contudo, devido às propensões (neo) marxistas do autor, é difícil aceitar isto no caso de Burawoy⁶. Faria pouco sentido para ele colocar Marx “dentro” de Merton, quando o “(neo) marxismo” ainda é uma autodenominação com a qual Burawoy se identifica. Ao mesmo tempo, os requisitos de um novo limiar de “revolução!” e “nenhuma propriedade privada” em Marx faz de Burawoy um alvo amplo, mesmo se ele não defende essas características do marxismo.

É prazeroso ver que Burawoy enfrenta esses desafios com dignidade, além de senso de

humor e humildade interculturais. Para explicar as virtudes do MCE, Burawoy afirma que “É [mais] útil para expressar a maneira como a consciência se torna concreta”. O que faz é apontar para os detalhes da vida como expressão de confiança e crença, que são “estendidos” para ações no “mundo real”. Como observam Evens e Handelman (2006), “o caso estendido é inerentemente processo”, mas isto não significa que não se preocupe com origens. Assim, Burawoy está analisando do específico (origens, resultados) para o geral (processos, sistemas), em um exercício geralmente dialético.

Burawoy colocou a “extensão” à disposição da sociologia em escala mundial ao falar sobre a maneira como a “extensão” utiliza a metodologia etnográfica, e também ao tornar-se presidente da Associação Internacional de Sociologia (*International Sociological Association - ISA*). *The Extended Case Method* é o paper mais citado de Burawoy (1998). Em sua primeira nota de rodapé, o autor diz: “Há vinte anos que estou escrevendo este texto.” A seguir, foi publicado um livro com o mesmo título em 2009. Podemos perguntar-nos que obstáculos o autor teve de superar ao escrever sobre “extensão”, bem como de que maneiras a matemática e a etnografia estão de algum modo relacionadas em seus “casos estendidos”. Agora a extensão está colocada em

5 O termo “sociedade” foi posto em dúvida por Gluckman (1961), que se referia, antes, a “campos sociais”.

6 O prefixo (neo-) é acrescentado como curiosidade, porque alguns públicos na Rússia (2007) questionaram abertamente “até que ponto” Burawoy é realmente marxista.

lugar de destaque para que as pessoas possam avançar a partir daí nos mundos da sociologia, etnografia e/ou antropologia social internacionais.

Outras aplicações da “teoria da extensão”, via H. Grassmann (1844, 1862) e A. N. Whitehead (1979), mesmo sem concentrar-se em “casos”, talvez sejam possíveis por meio da familiaridade de Burawoy com a matemática. Quando dizer que um “caso” foi “estendido”, ou seja, quando usar o passado, ao contrário de quando o pesquisador ou o sociólogo público “ainda está estendendo”? Eu gostaria de ouvir mais o que sociólogos e teóricos da comunicação têm a dizer sobre esses tópicos, especialmente enquanto os esforços de Burawoy têm sua grande oportunidade de repercutir durante sua Presidência da ISA em 2010-2014.

4 Falar de Extensão Humana na Aldeia Global do Século XXI

Os circuitos elétricos derrubaram o regime do ‘tempo’ e ‘espaço’ e vertem instantânea e continuamente sobre nós as preocupações de todos os outros homens. Reconstituíram o diálogo em escala mundial. Sua mensagem é Mudança Total, fim do provincianismo psíquico, social, econômico e político. Os antigos agrupamentos cívicos, estatais e nacionais tornaram-se disfuncionais.

M. McLuhan, 1967

Em *Understanding media* (Os meios de comunicação como extensões do homem), M. McLuhan (1964) apontou a possibilidade de construir uma “nova ciência” que nos ajudasse a conhecer melhor os sistemas de comunicação humana, o desenvolvimento

eletrônico-tecnológico e as transferências de conhecimento, e também nos equipasse com uma compreensão da mídia. Seu propósito era ajudar a interpretar e a orientar-se em meio às necessidades atuais de uma sociedade altamente industrializada, que está entrando na era da IE. Esse texto avança nessa missão como estudo da comunicação da ciência, da “nova ciência” dos McLuhan, em particular Extensões Humanas e Equação Humana para guiar-nos na maneira como usamos nossos olhos, ouvidos, corpo e alma para entender-nos a nós mesmos, bem como a nosso ambientes e ecologias naturais e feitas pelo homem.

As coisas feitas pelo homem vão das escolhas ao fazer, agir e gerar algum artefato por criação pessoal ou de grupo. O principal problema durante a era sociológica neo-evolucionista foi que as escolhas, tomadas de decisão, iniciativas (*agency*) e orientação para metas eram “tecnicamente” reprovadas ou subsumidas pelo paradigma dominante. A evolução torna-se o ditador monopolista da “mudança” no discurso científico “ocidental” do século XX. Alguns acadêmicos tentaram, é claro, impor escolhas e direção a um mecanismo essencialmente não-escolha, não-teleológico chamado “seleção natural”. Assim, o conceito de “extensão” e a expressão “extensão humana” oferecem uma alternativa à “evolução” ao implicar uma direção (ou seja, não é possível estender “em um vazio de lugar”) e ao tornar as escolhas humana metodologicamente centrais para as CHSs.

A literatura acadêmica já inclui abundantes textos sobre “extensão”, de forma que pode ser mais fácil implementar uma adaptação da terminologia da extensão. Nos EUA, foi criado (1963) um *Journal of Extension* que vicejou com pesquisas sobre agricultura, educação e pesca, entre outros campos de defesa de recursos naturais. Uma “teoria da extensão” foi cunhada para explorar o tópico da “difusão da inovação” (ROGERS, 1962) como, por exemplo, o uso do novo milho híbrido pelos agricultores da zona rural de Iowa, EUA, na década de 1930 (RYAN; GROSS, 1943). A aplicação prática das “teorias da extensão” prosperou na África e na Ásia (BAGCHEE, 1993) através da prestação de “serviços de extensão”.

Podemos observar que a difusão de novas tecnologias de comunicação - como telefones celulares, internet, leitores de e-book, etc. -, especialmente os que têm características como mensagens instantâneas e conexão ininterrupta com a internet, estão revolucionando as relações humanas, a educação, a saúde, a ciência, a literatura, a arte e muitas outros âmbitos humanos no século XXI. “Quando a tecnologia estende *um* de nossos sentidos, ocorre uma nova virada na cultura à mesma velocidade com que a nova tecnologia é interiorizada”. (MCLUHAN, 1960, p. 40).

O que os McLuhan colocam na mesa de discussão e Burawoy estabiliza ao abrir a possibilidade de “ciência reflexiva” – que, em si, é um exemplo de uma “nova ciência” ou “nova abordagem das

ciências” - é uma abordagem rigorosa, matizada e acadêmica da comunicação que serve para desviar a atenção das abordagens “biológicas” (BERTALANFFY, 1950) da espécie humana e voltá-la para cultura, comunicação, linguagem, religião e sociologia. Como diz E. McLuhan (2010, p. 7), “Esta equação inclui você [ou seja, a pessoa humana] desde o início”. Esta é a epítome da ciência reflexiva e o que leva a comunicação para o primeiro plano do desenvolvimento social e cultural e do autoentendimento humano.

É principalmente a comunicação, e não a biologia, que nos define como “pessoas humanas”. Em LdaM, os McLuhan (1988, p. 116) deixam muito claro que seu foco está em “comunicação” e “extensão”: “[Todos] os artefatos humanos são extensões do homem, externalizações ou expressões do corpo ou do psiquismo humanos, particulares ou coletivos. Quer dizer, são discursos e são traduções de nós, dos usuários, de uma forma em outra: metáforas.” A virada comunicativa acontece quando percebemos que “o conteúdo somos nós”, que “o emissor é o emitido” e que “o meio é a mensagem”. Estes são epônimos do porte de Marx da Era da IE e confirmam a importância dada por M. McLuhan ao “fato da extensão” quando o autor estava sondando e provocando e nos quais estava procurando insight educacional e sabedoria tradicional em sua busca de extensões humanas.

Como escreve E. McLuhan, “Qualquer tecnologia imita a estrutura do modo de ação, percepção,

pensamento ou memória que estende”. (2010, p. 15). Note que isto já derruba o chamado “corte cartesiano”, ou seja, a cisão entre a *res extensa* e a *res cogitans*, uma das maiores dicotomias da modernidade. E. McLuhan (Ibid) continua: “Todas as nossas tecnologias estendem nossas capacidades inatas de agir, perceber, pensar e lembrar. Já que é só isto que podemos fazer, é para isto que pedimos ajuda à tecnologia. Em suma, fazemos todas as nossas tecnologias à nossa imagem. Elas nos imitam.” É preciso apontar que E. McLuhan não está, de modo algum, divinizando a tecnologia, como se ela fosse “criada à imagem de Deus”, mas sim ressaltando que a tecnologia é “feita à imagem do homem”. A tecnologia é uma coisa “feita pelo homem”, uma “extensão” da humanidade.

A visão que E. McLuhan (2010, p. 57-58) tem da humanidade é universalista, não exclui povos. Ele realmente é um pensador da “aldeia global”, assim como seu pai o foi. A maneira como escreve incentiva as pessoas a “virarem uma nova página” no conhecimento de outras culturas e pessoas, na forma como se comunicam entre si e com “estrangeiros”. “Nossos meios de comunicação podem ter sido desenvolvidos sequencialmente, mas, agora, imagem, palavra, artefato e escrita estão se reintegrando.” Uma vez mais, E. McLuhan retorna a temas que seu pai estudou com muito cuidado, explorando a implosão ou (re)integração de formas e conteúdos na transição dos sistemas de comunicação impressa para os eletrônicos.

5 Extensão Humana e Pensamento Antrópico no Mainstream

O foco da noção de Extensão Humana apresentada neste trabalho é comunicação e comunidade, lutando por um “padrão humano” como o que E. McLuhan propõe em *The Human Equation*. Os três exemplos “antrópicos” (FULLER, 2006) dados - os de M. McLuhan, Burawoy e E. McLuhan - mostram como o fato de centrar-se especialmente nos seres humanos introduz uma diferença significativa no método em relação aos usados nas ciências naturais-físicas (CNFs). Ao invés de ter como foco o mundo físico ou natural, todas essas abordagens apresentam o “pensamento antrópico” como visão re-humanizadora que centrada nos seres humanos.

Examinemos agora mais de perto a profunda tradição, não só ocidental, mas mundial, de que E. McLuhan (2010, p. 71) se vale em sua *Equação Humana*. “A era da eletricidade torna obsoleta o que chamamos de civilização e nos leva de volta ao Éden às avessas”, escreve o autor. “O desenvolvimento de tecnologia nos expulsou do Éden original; paradoxalmente, não podemos entrar no novo Éden, induzido pela eletricidade, sem tecnologia.” Assim, os seres humanos são, por um lado, amaldiçoados pela tecnologia, e, por outro lado, abençoados por ela. Somos lembrados da humanidade nas ferramentas de nossa criação, que espelham nossa “natureza” ou “caráter” humano primordial (antrópico/adâmico).

A. R. Wallace (1890) empenhou-se em identificar a “seleção” humana, o poder da escolha humana, o livre arbítrio, a capacidade de comunicar-se para além da mera “seleção natural”. Esta foi sua postura espiritual-humanitária contra o agnosticismo naturalista de Darwin e T.H. Huxley. Confessar que “Adão” não foi uma pessoa real, como fizeram muitos dos seguidores de Darwin e de Huxley, equivale a sugerir hoje que, do ponto de vista da evolução, a humanidade está sendo suplantada pelas máquinas. Abraçar Adão é professar uma compreensão antrópica que ciência natural alguma é capaz de suplantar.

A Extensão Humana ajuda a resgatar as CHSs da dependência em relação aos métodos das CFNs e reinstala a prioridade proporcional em relação ao humano, *anthropos*, no cerne do mundo acadêmico. Destaca o espaço apropriado de conversação para uma categoria que é soberana para as CHSs: a pessoa humana como um todo, juntamente com suas/nossas vidas em sociedade - na verdade, em sociedades plurais que são sempre entendidas de forma incompleta. As coisas feitas pelo homem são os ecos positivos-ativos de deliberações tensas-reflexivas, resultando nas “extensões” de escolhas e ações humanas, que podem ser rastreadas e às vezes medidas por observação e análise. É isto que constitui a “extensão humana” como tópico idôneo para a sociologia e os estudos de comunicação social.

A Equação Humana também o promove ao ter toda a humanidade como seu núcleo temático, enquanto reconhece as “extensões do homem [humanidade]”, situadas na primeira linha da grande contribuição de M. McLuhan ao pensamento. “As primeiras culturas usavam todas as faculdades humanas intensamente, para a sobrevivência, ao passo que nossas tecnologias estenderam tanto nossos modos de conhecer que esquecemos as verdadeiras dimensões de nosso potencial.” (2010, p. 24) Aqui vemos o reconhecimento por E. McLuhan do que seu pai apresentou, por meio da inclusão do negativo-oposto de “intensamente”, embora não haja abordagem sistemática entre in-/ex- a respeito da “tensão” humana na nova ciência social de McLuhan.

Aqui é preciso fazer uma leve digressão pelo trabalho de S. Fuller sobre o pensamento antrópico para lançar alicerces. A noção de Fuller de um “mundo antrópico” é uma das visões mais provocadoras propostas na sociologia em várias décadas. Ainda resta muito trabalho a ser feito, mas seu foco na distinção a ser introduzida entre “antropismo”, “antropocentrismo” e “antropomorfismo” está no caminho certo. Ao afirmar que podemos ser pensadores antrópicos e, ao mesmo tempo, não “antropocêntricos” nem “antropomórficos”, Fuller cria um novo discurso que restabelece a categoria de “situação singular” para os humanos. Para Fuller (2006, p. 206), é a “visão de mundo antrópica” que “valoriza os humanos individuais em virtude de

sua ancestralidade divina comum”, o que mostra que o “antrópico” não precisa ser oposto ao “espiritual” ou “religioso”, mas pode incluir ou ser relacionado de forma cooperativa com ambos.

De fato, tanto McLuhan quanto Burawoy apoiam fortemente o ímpeto por liberdade das interpretações individuais e coletivas no contexto da busca de mais profundidade e sentido na existência e no autoentendimento humanos e nas relações interpessoais do que foi possível em paradigmas científicos ou estratégias interpretativas “positivistas” anteriores. “A capacidade humana tornou-se o maior recurso inexplorado do planeta”, nota E. McLuhan (2010, p. 23). Essas três figuras destacam-se como defensores da construção de nossas capacidades humanas inatas, pois incentivam novos potenciais e exploram novas possibilidades de inovações e invenções criativas.

Os antropistas já existem, estão à espera de sua vez no pódio depois que se acabarem os naturalistas anti-humanistas. A nova Seção de Altruísmo e Solidariedade proposta à *American Sociological Association* é um claro exemplo disto. Trata-se de um grupo mesclado de homens e mulheres predominantemente religiosos que cooperam na tarefa de lutar para tornar a incluir o “altruísmo” no lugar de onde foi afastado por cientistas antimonoteístas, principalmente etologistas, zoólogos e “psicólogos da evolução” que também são muitas vezes conhecidos por serem, ou se autointitularem, “humanistas seculares” ou

“agnósticos”. A nova Seção “altruísmo” proposta é tratada com uma abordagem não cármica de valor, busca que lhes parece importante realizar neste momento da Era da IE.

6 Observações Finais

Não haverá inevitabilidade enquanto houver disposição de permanecer atento ao que está acontecendo.

M. McLuhan, 1967

Na escala da positividade ou reflexividade, a ciência da comunicação está, em grande medida, na categoria reflexiva. Surge a pergunta: Até onde devemos ir na aplicação de modelos positivos de ciência para tentar resolver problemas reflexivos de comunicação humana e quando precisamos descartar o positivismo pelo bem de nossa humanidade? Não estou propondo uma teoria grandiosa que enfrente todos os problemas, e sim, antes, uma ferramenta metodológica simples para entender a dinâmica e a estática humano-sociais sob nova luz, vocabulário e metodologia de “extensão” para as CHSs inspirados em McLuhan e apoiados por Burawoy.

E. McLuhan (1988, p. ix) afirmou que os quatro efeitos, as leis da mídia e o método tetrádico constituíam “a maior descoberta intelectual isolada não só do nosso tempo, mas pelo menos dos últimos duzentos anos”. Seja esta avaliação exata ou não, o fato é que já estamos vendo a “revolução” comunicacional projetada por McLuhan acontecer ao nosso redor, ao nosso lado

e dentro de nós ao mesmo tempo. A interiorização do conhecimento via TICs é prova suficiente de que a “reflexividade” é algo que caminha de mãos dadas, ou de ouvidos colados, com a extensão humana do sistema nervoso na era da IE.

Nossa meta nos próximos anos: criar um sistema gradiente para “medir” as extensões humanas como parte da equação humana. Isto ajudará a reexaminar o significado de *anthropos* nas CHSs, sem o reducionismo muitas vezes presente na abordagem natural-física do “animal” humano. Há diversas novas abordagens promissoras neste sentido, inclusive o estudo da “emergência social” (SAWYER, 2005) e o realismo crítico em sociologia (SMITH, 2010). De fato, seria possível sustentar que determinadas “nação” ou “povo” é mais “evoluído” em sentido físico, mas que, em muitos outros, é (como sistema) - ou são - relativamente “subestendido” em termos de seres humanos. Esta maneira de pensar vai além do pensamento insular, autocongratatório, de Talcott Parsons quando este concluiu que os EUA são a civilização “mais evoluída” da história humana (1950s-70s).

Apesar do pouco espaço para ir além da apresentação de uma hipótese sugestiva, aqui está minha contribuição em quatro quadrantes

para as imagens e a sistematização destinadas a interpretar a Extensão Humana na era da IE:

Em termos dos “quatro efeitos”, este modelo demonstra Criação como Melhora, Emergência como Reversão, Evolução como Obsolescência e Pausa (ausência) como Recuperação. Isto significa que “evolução” é um conceito limitado para os estudos de comunicação. Em outras palavras, a noção de “criação evolutiva” é um óbvio paradoxo que desafia a tradição antrópica. A noção de “extensão humana”, ao contrário, permite que os acadêmicos do século XXI reflitam mais seriamente sobre a necessidade de “pensar as coisas antes de rejeitá-las”. (1964, p. 57). Agora podemos reconhecer que as mudanças, tanto graduais quanto rápidas, na sociedade humana ocorrem logo após ou logo antes de pausas meditativas ou brechas na comunicação e ação humanas. Quando nos “estendemos”, criamos algo que não existia antes no espaço-tempo; as extensões da humanidade tornam-nos conscientes de nós mesmos e de nossos “efeitos” no universo.

Burawoy é um matemático, antropólogo social, etnógrafo e sociólogo que está “estendendo-se” globalmente, participando de diálogos com pessoas do mundo inteiro durante seu atual

Tétrade 4 Extensão Humana

Criação	Emergência
Pausa (ausência)	Evolução

mandato como presidente da ISA. É uma figura otimista, carismática, e, em muitos sentidos, uma personalidade cativante. Embora eu ainda tenha grandes reservas em relação ao seu (neo)marxismo (Karl) Polanyiano e suas raízes materialistas, Burawoy o aborda como canadense pela lente da história científica russa-soviética. Portanto, a experiência pós-colonial britânico-americana não é um grande empecilho à comunicação global a respeito de “extensão” e “estendido” sob vários ângulos.

Estamos vivendo, no mundo inteiro, tempos empolgantes para os sociólogos, pois o presidente está pregando a “sociologia pública” como um missionário⁷, ao passo que os espectros anticlericais, antirreligiosos do neomarxismo vermelho e do neodarwinismo verde continuam a rondar o campo (FULLER, 2006). O que um terceiro *ismo* acrescentado à mistura – extensionismo – pode oferecer é uma alternativa mais atraente: A possibilidade de discutir maneiras como as pessoas estão superestendidas e como estamos subestendidos em várias características de suas/nossas sociedades, comunidades, pessoas. Ao oferecer uma alternativa, os darwinistas e marxistas conquistam novas ferramentas para o debate acadêmico e, juntamente com os demais, podem construir uma abordagem social mais integradora.

E. McLuhan (2010, p. 63) escreve que “A Equação Humana é um roteiro da evolução humana” porque não existe teoria adequada, de longo prazo, do desenvolvimento humano atualmente disponível para substituir a “evolução” no momento em que o autor escreve. A tradição dos estudos de “desenvolvimento”, contudo, é prolífica, segura e muito mais influente que o paradigma da evolução nas CHSs. Para M. e E. McLuhan, o termo “evolução” implica apenas “o transcurso de muitas gerações” e não significa que Deus não tenha criado seres humanos à sua imagem, muito pelo contrário. Uma abordagem “pós-evolucionista” da mudança social e cultural oferecerá uma oportunidade de tornar a atrair a sociologia e as CHSs, permitindo-nos ir além da sombra da dúvida quanto a se uma aplicação excessiva dos métodos das CFNs em áreas “fora” destas ainda é ou não uma opção crível ou uma fonte de desumanização.

Hoje, E. McLuhan continua a estender M. McLuhan e a basear-se na abordagem tetrádica com sua nova Equação Humana. De fato, este texto de M. McLuhan (1964, p. 236) nos recorda seu pai: “O que fora a primeira grande extensão do nosso sistema nervoso central – as mídias de massa faladas – logo foi combinado com a segunda grande extensão do sistema nervoso central – a tecnologia elétrica.” Em nossa era da IE, cada vez mais interconectada e pluralista, o filho responde dizendo: “Linguagem, religião e

tecnologia na era da eletricidade representam uma diversidade simultânea que deve, de certo modo, ser unificada. A cultura global repousará, necessariamente, na Equação Humana. A cultura global é um ambiente, um meio cultural no qual todas as linguagens, costumes e ferramentas crescerão e se adaptarão.” (2010, p. 76).

Aqui vemos sinais de “ecologia das mídias”, expressão cunhada por E. McLuhan, e depois defendida por N. Postman, entre outros. Seu significado revela continuidade da tradição da comunicação com nossas origens biológico-humanas. Mas também ressalta uma grande divergência em relação às tendências seculares, como se a natureza e o espírito estivessem “cientificamente” separados. Fala outra vez do Jardim do Éden como lugar espiritual de raízes humanas para o qual somos de novo empurrados a fim de explorar as profundezas de nossa consciência humana, de forma que possamos contemplar-nos a nós mesmos hoje, quando a Cidade dos Fios nos rodeia.

A comunicação tem um efeito de eco em toda comunidade humana. As extensões de nossas capacidades comunicacionais como seres humanos criam (novas) intensidades que nos atingem: estresse, pressões, características, aspectos, prós e contras, possibilidades entre nós. A maneira como as enfrentamos nos definirá, estejamos onde estivermos e seja qual for a visão de mundo que ecoa ao caminharmos

em nossas jornadas comunicacionais, pessoais e coletivas, de vida humana... que se estende.

Referências

- BAGCHEE, Aruna. Agricultural Extension in Africa. **World Bank Discussion Paper**, 231, 1993.
- BARNETT, Homer **Innovation: The basis of culture change**. New York: McGraw Hill, 1953.
- BERTALANFFY, Ludwig van. An Outline of General System Theory. **The British Journal for the Philosophy of Science**. v. 1, n. 2, p. 134-165, Aug. 1950.
- BLAKE, W. **Jerusalem: The Emanation of the Giant Albion**. London: John Pearson [1804] 1877.
- BURAWOY, Michael. **The Extended Case Method: Four Countries, Four Decades, Four Great Transformations, and One Theoretical Tradition**. Berkeley: University of California Press, 2009.
- BURAWOY, Michael. The Critical Turn to Public Sociology. **Critical Sociology**, v. 31, n. 3, p. 313–326, 2005a.
- BURAWOY, Michael. For Public Sociology. **American Sociological Review**, n. 70, p. 4-28, Feb. 2005b.
- BURAWOY, Michael. The Extended Case Method. **Sociological Theory**, v. 16, n. 1, March. 1998.
- COUPLAND, Douglas. **Marshall McLuhan**. Toronto: Penguin Books, 2010.
- EVENS, T.M.S.; HANDELMAN, Don. **The Manchester School: practice and ethnographic praxis in anthropology**. New York: Berhahn, 2006.
- FULLER, Steve. Darwin's Original Sin: The Denial of Theology's Claim to Knowledge. **Internet Audio Lecture** given at Oxford University, January 20, 2009. http://www2.warwick.ac.uk/fac/soc/sociology/staff/academicstaff/sfuller/fullers_index/audio/regents_park_college_oxford_-_20_jan_09.wma

- FULLER, Steve. **The New Sociological Imagination**. London: Sage, 2006.
- GLUCKMAN, Max. **Closed Systems and Open Minds: The Limits of Naivety in Social Anthropology**. Chicago: Aldine, 1964.
- GLUCKMAN, Max. Ethnographical Data in British Social Anthropology. **Sociological Review**, v. 9, n. 1, p. 5-17, 1961.
- GRASSMANN, Herman. **The Theory of Extension** (Ausdehnungslehre). American Mathematical Society, (2000, [1844, 1862]).
- INNIS, Harold. **The Bias of Communication**. Toronto: University of Toronto Press, 1964.
- KIRDINA, Svetlana. **Institutional Matrices and Development in Russia**. 2nd ed. Novosibirsk: (IEiOPP, SO, RAS), 2001. (In Russian)
- LOGAN, Robert K. **Understanding New Media: Extending Marshall McLuhan**. New York: Peter Lang, 2010.
- LONERGAN, Bernard **The Subject**. The Aquinas Lecture. Milwaukee: Marquette University Press, 1968.
- MCLUHAN, Eric; CONSTANTINEAU, Wayne. **The Human Equation**. Illustrations by Heidi Overhill. Toronto: BPS Books, 2010.
- MCLUHAN, Eric. Marshall McLuhan's theory of communication: The Yegg. **Global Media Journal – Canadian Edition**, v. 1, n. 1, p. 25-43, 2008.
- MCLUHAN, Marshall; MCLUHAN, Eric. **Laws of Media: the New Science [LoM]**. Toronto: University of Toronto Press, 1988.
- MCLUHAN, Marshall. **The Medium is the Massage**. San Francisco: Hardwired, 1967.
- MCLUHAN, Marshall. **Understanding media: The Extensions of Man**. New York: McGraw-Hill, 1964.
- MCLUHAN, Marshall. **The Medium and the Light**. Eric McLuhan ed. and Intro. Toronto: Stoddart Publishing, 1999.
- MITCHELL, J. Clyde. Case and Situation Analysis. **Sociological Review**, n. 31, p. 187-211, 1956.
- ROGERS, Everett. **Diffusion of innovations**. New York: Free Press, 1962.
- RYAN, Bryce; GROSS, Neal C. The diffusion of hybrid seed corn in two Iowa communities. **Rural Sociology**, n. 8, p. 15-24, 1943.
- SANDSTROM, Gregory. **Human Extension: Before and After Socio-Cultural Evolution**. Smashwords, 2011. Available in: <<http://www.smashwords.com/books/view/87897>>.
- SANDSTROM, Gregory. The Extension of 'Extension' OR the 'Evolution' of Science and Technology as a Global Phenomenon. In **Liberalizing Research in Science and Technology: Studies in Science Policy**. Eds. Nadia Asheulova, Binay Kumar Pattnaik, Eduard Kolchinsky, Gregory Sandstrom. St. Petersburg: Politechnika, pp. 629-655. 2010
- SANDSTROM, Gregory. The Problem of Evolution: Natural-Physical or Human Social? In: **Charles Darwin and Modern Biology**. Ed. Eduard Kolchinsky. St. Petersburg: , Nestor-History, 2010. p. 740-748.
- SANDSTROM, Gregory. Pieces of Evolution's Puzzle: A Social-Philosophical Perspective. **Vestnik** (Collection). Murmansk State Technical University, v. 11, n. 4, p. 553-562, 2008.
- SANDSTROM, Gregory. The Extension of Evolution. In: **Science, Ideology and Religion**. St. Petersburg: SRPh Publishing House, 2005. p. 114-127; 231-241 (In Russian and English – bilingual).
- SAWYER, R. Keith. **Social Emergence: Societies as Complex Systems**. New York: Cambridge University Press, 2005.

SMITH, Christian. **What is a person?** Re-thinking humanity, social life and the moral good from the person up. Chicago: University of Chicago Press, 2010.

SOROKIN, Pitirim A. **The Reconstruction of Humanity.** Boston: Beacon Press, 1948.

TODES, Daniel. **Darwin without Malthus:** The Struggle for Existence in Russian Evolutionary Thought. New York: Oxford University Press, 1989.

VAN VELSEN, Jaap. The Extended Case Method and Situational Analysis. In: EPSTEIN, A. L. **The Craft of Social Anthropology.** London: Tavistock, 1967. p 129-149.

WALLACE, Alfred Russell Human Selection. **Fortnightly Review**, v. 48, 1890.

WHITEHEAD, Alfred North **Process and Reality:** An Essay in Cosmology. Corrected edition. Edited by David Ray Griffin and Donald, W. Sherburn (Ed.) New York: Free Press, 1979.

McLuhan, Burawoy, McLuhan: Extending Anthropic Communications

**On the Human Equation, the Extended
Case Method and Human Extension**

Abstract

One of the main contributions that Marshall McLuhan made to the fields of culture, technology and communication was the idea of 'the extensions of man,' the subtitle of his masterpiece "Understanding Media" (1964). Here the idea of 'human extension' is explored for application in human-social sciences, along with the notion of 'the extended case method' promoted by current President of the International Sociological Association, Michael Burawoy with its origins in the Manchester School of Social Anthropology. 'Human extension' is offered as an alternative approach to the 'evolution' of artefacts and is connected to the communications works of Marshall and his son Eric, reaching to the recent idea of a general 'human equation.'

Keywords

Marshall McLuhan, Michael Burawoy, Eric McLuhan, Human Extension, Extended Case Method, Human Equation, Toronto School of Communications, Anthropic-Social Science, Natural-Physical Science, Steve Fuller, Innovation Diffusion, Extension Theory, Dehumanization and Re-Humanization, Tetradic Approach, Eden-in-Reverse

McLuhan, Burawoy, McLuhan: La Extensión de las Comunicaciones Antrópicas

**Acerca de la Ecuación Humana, del Método
de Caso Extendido y de la Extensión Humana**

Resumen

Una de las principales aportaciones de Marshall McLuhan en los campos de la cultura, la tecnología y la comunicación fue la idea de "extensiones del hombre", subtítulo de su obra maestra *Understanding Media* (1964). Aquí la idea de "extensión humana" se explora para su aplicación a las ciencias humanas y sociales, junto con la noción de "método del caso extendido" promovida por Michael Burawoy, actual Presidente de la Asociación Internacional de Sociología (*International Sociological Association*), con sus orígenes en la Escuela de Antropología Social de Manchester. El concepto de "extensión humana" se presenta como un abordaje alternativo a la "evolución" de los artefactos y se conecta al trabajo de comunicación de Marshall y su hijo Eric, llegando a la idea reciente de una "ecuación humana" en general.

Palabras clave

Marshall McLuhan, Michael Burawoy, Eric McLuhan, Extensión Humana, método del caso extendido, ecuación humana, Escuela de Comunicación de Toronto, Ciencia Antrópico-social, Ciencia Natural-Física, Steve Fuller, Difusión de la Innovación, Teoría de la Extensión, Deshumanización y Re-humanización, Abordaje Tetrádico, Eden al revés

20/21

Recebido em:
07 de outubro 2011

Aceito em:
01 de novembro de 2011

Expediente

A revista E-Compós é a publicação científica em formato eletrônico da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Lançada em 2004, tem como principal finalidade difundir a produção acadêmica de pesquisadores da área de Comunicação, inseridos em instituições do Brasil e do exterior.

E-COMPÓS | www.e-compos.org.br | E-ISSN 1808-2599

Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, v.14, n.3, set./dez. 2011. A identificação das edições, a partir de 2008, passa a ser volume anual com três números.

CONSELHO EDITORIAL

Afonso Albuquerque, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Alberto Carlos Augusto Klein, Universidade Estadual de Londrina, Brasil
Alex Fernando Teixeira Primo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Ana Carolina Damboriarena Escosteguy, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Ana Gruszynski, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Ana Sílvia Lopes Davi Médola, Universidade Estadual Paulista, Brasil
André Luiz Martins Lemos, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Ângela Freire Prysthon, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Angela Cristina Salgueiro Marques, Faculdade Cásper Libero (São Paulo), Brasil
Antônio Fausto Neto, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Antonio Carlos Hohlfeldt, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Antonio Roberto Chiachiri Filho, Faculdade Cásper Libero, Brasil
Arlindo Ribeiro Machado, Universidade de São Paulo, Brasil
Arthur Autran Franco de Sá Neto, Universidade Federal de São Carlos, Brasil
Benjamin Picado, Universidade Federal Fluminense, Brasil
César Geraldo Guimarães, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Cristiane Freitas Gutfreind, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Denilson Lopes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Denize Correa Araujo, Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil
Edilson Cazeloto, Universidade Paulista, Brasil
Eduardo Peñuela Cañizal, Universidade Paulista, Brasil
Eduardo Vicente, Universidade de São Paulo, Brasil
Eneus Trindade, Universidade de São Paulo, Brasil
Erick Felinto de Oliveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Florence Dravet, Universidade Católica de Brasília, Brasil
Francisco Eduardo Menezes Martins, Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil
Gelson Santana, Universidade Anhembí/Morumbi, Brasil
Gilson Vieira Monteiro, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Gislene da Silva, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Guillermo Orozco Gómez, Universidad de Guadalajara
Gustavo Daudt Fischer, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Hector Ospina, Universidad de Manizales, Colômbia
Herom Vargas, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Brasil
Ieda Tucherman, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Inês Vitorino, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Janice Caiafa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Jay David Bolter, Georgia Institute of Technology
Jeder Silveira Janotti Junior, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
João Freire Filho, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
John DH Downing, University of Texas at Austin, Estados Unidos
José Afonso da Silva Junior, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

José Carlos Rodrigues, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
José Luiz Aídar Prado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
José Luiz Warren Jardim Gomes Braga, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Juremir Machado da Silva, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Laan Mendes Barros, Universidade Metodista de São Paulo, Brasil
Lance Strate, Fordham University, USA, Estados Unidos
Lorraine Leu, University of Bristol, Grã-Bretanha
Lucia Leão, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
Luciana Panke, Universidade Federal do Paraná, Brasil
Luiz Claudio Martino, Universidade de Brasília, Brasil
Malena Segura Contrera, Universidade Paulista, Brasil
Márcio de Vasconcellos Serelle, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil
Maria Aparecida Baccega, Universidade de São Paulo e Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Maria das Graças Pinto Coelho, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Universidade de São Paulo, Brasil
Maria Luiza Martins de Mendonça, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Mauro de Souza Ventura, Universidade Estadual Paulista, Brasil
Mauro Pereira Porto, Tulane University, Estados Unidos
Nilda Aparecida Jacks, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Paulo Roberto Gibaldi Vaz, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Potiguara Mendes Silveira Jr., Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
Renato Cordeiro Gomes, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
Robert K Logan, University of Toronto, Canadá
Ronaldo George Helal, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Rosana de Lima Soares, Universidade de São Paulo, Brasil
Rose Melo Rocha, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Rossana Reguillo, Instituto de Estudios Superiores do Occidente, Mexico
Rousiley Celi Moreira Maia, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Sebastião Carlos de Moraes Squirra, Universidade Metodista de São Paulo, Brasil
Sebastião Guilherme Albano da Costa, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
Simone Maria Andrade Pereira de Sá, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Tiago Quiroga Fausto Neto, Universidade de Brasília, Brasil
Suzete Venturelli, Universidade de Brasília, Brasil
Valério Cruz Brittos, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Valerio Fuenzalida Fernández, Puc-Chile, Chile
Veneza Mayora Ronsini, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Vera Regina Veiga França, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Valerio Fuenzalida Fernández, Puc-Chile, Chile
Veneza Mayora Ronsini, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Vera Regina Veiga França, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

COMISSÃO EDITORIAL

Adriana Braga | Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
Felipe Costa Trotta | Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

CONSULTORES AD HOC

Édison Gastaldo, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

EDIÇÃO DE TEXTO E RESUMOS | Susane Barros

SECRETÁRIA EXECUTIVA | Juliana Depiné

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA | Roka Estúdio

TRADUÇÃO | Sieni Campos e Robert Finnegan

COMPÓS | www.compos.org.br

Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

Presidente

Julio Pinto

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

juliopinto@pucminas.br

Vice-presidente

Itania Maria Mota Gomes

Universidade Federal da Bahia, Brasil

itania@ufba.br

Secretária-Geral

Inês Vitorino

Universidade Federal do Ceará, Brasil

inesvict@gmail.com